



**KÖRPERDENKEN
EM TORNO DO PENSAMENTO CORPO, DE DIETMAR KAMPER, E OS
RASTROS COMO SENTIDOS. DOIS DEPOIMENTOS.**

Norval Baitello Junior¹

1. O corpo como resistência

Quando, em 1999, entrou a primeira turma do curso de Comunicação e Artes do Corpo, estive com Dietmar Kamper na Casa das Culturas do Mundo, Haus der Kulturen der Welt, em Berlim, onde organizamos juntos o simpósio Blick und Gewalt (Olhar e Violência). Na ocasião retomamos nossas interlocuções que já vinham de muitos anos, em Berlim e em São Paulo, sobre as interações entre o corpo e o mundo, compreendido este mundo como um amplo espectro de realidade que vai da noosfera até a tecnosfera e seus mais recentes desenvolvimentos, com especial atenção para as imagens produzidas nesse universo extenso e múltiplo. Do evento berlinense participaram também Hans Belting e Rudolf Heinz, aquele, o mais destacado estudioso da imagem de culto e da imagem artística na Alemanha, e este, o mais notável pensador das imagens endógenas, aquelas que povoam nossa psique e suas raízes históricas. Ali apresentei pela primeira vez o conceito de “iconofagia”, a interferência do mundo das abstrações (imagens de todo tipo) nos destinos do corpo. O diagnóstico de um distúrbio das imagens que afeta o corpo teve a imediata acolhida de Belting, que chamou a atenção também para as devorações entre imagens, em um processo ininterrupto de reuso das imagens de uma época por outras posteriores. Rudolf Heinz lembrou, com sua enorme experiência psicanalítica, a escalada das enfermidades do corpo provocadas pela avassaladora presença de um imaginário que opera coercitivamente sobre os corpos, suas medidas, suas formas, suas propriedades, sua sociabilidade.

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Diretor Científico do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC.

V COMcult

o que custa o virtual?

Um ano antes havíamos conversado, Kamper e eu, sobre a necessidade de formar profissionais sensibilizados para atuar no resgate do pensamento do corpo, o pensar-corpo (KörperDenken), com o projeto do novo curso em andamento. Sua primeira reação foi de entusiasmo, pela necessidade urgente de chamar a atenção para este tema tão importante e tão esquecido nas ciências humanas e sociais, tão unilateralmente compreendido, tão pobremente tratado. Animou-nos, a mim como diretor da Faculdade e a Dieli Vesaro Palma, como vice-diretora, na criação deste espaço inédito de reflexão que a vitalidade dos estudantes brasileiros demandava e possibilitava. Kamper via sempre com muito entusiasmo a disposição de inovar que pairava sobre os nossos alunos e jovens professores, ele a via como uma verdadeira marca do Novo Mundo, diante de uma Europa tão resistente para inovações. E segredava por vezes “aqui ainda há a possibilidade de ouvir e ser ouvido”.

Sua segunda reação, porém, foi de alerta: “mas como se casa o corpo vivo com os meios de comunicação?”. E continuou: “Não se pode deixar reduzir o corpo a uma condição de passagem, como já o fizeram tantas crenças religiosas, como já o fez o racionalismo que transformou o corpo em mero suporte de um único e superior órgão pensante. Embora ele também atue como mediação, sua natureza não é um mero ‘médium’, um (trans)portador de informações e conteúdos, mas um fim em si. A razão de ser maior de existirmos é gerar, cultivar e preservar a vida, em todas as suas manifestações, biológicas, sim, mas também históricas, sociais e culturais, a vida da força da imaginação tanto quanto a explosão da vitalidade e da alegria, dos desejos e dos sonhos. E é isto o corpo.” Calaram fundo aquelas palavras tão enfáticas e tão lúcidas de alerta contra um perigo, o de ser mais uma forma de “usar e abusar” do corpo, transformando-o em suporte e (trans)portador de informações e mensagens, em um aparato meramente funcionalista.

Àquela altura ele já havia ministrado, como professor convidado, diversos cursos de Teoria da Mídia em Köln e em Karlsruhe, nas importantes e pioneiras escolas superiores de artes da mídia em ambas as cidades. E já estava contribuindo para uma ampliação das fronteiras dessa disciplina. A partir de suas reflexões, pensamos juntos em realizar um grande simpósio internacional com os maiores expoentes de uma reflexão crítica sobre as grandes questões que envolvem a comunicação no mundo contemporâneo, que não reduzam nem o corpo nem a comunicação à mera condição de mídia, que os compreendam como

V o que custa o virtual?

instâncias pensantes e criativas, como organismo complexo e multifacetado e como comunhão. É necessário entendê-los em uma matriz cultural mais ampla, ramificada em suas raízes e em suas projeções.

2. O que é a ramificação?

Em uma de suas reflexões precoces sobre a imagem, ainda na época em que ele se dedicava aos temas da “Teoria da imaginação” e dos “Sentidos do corpo”, Dietmar Kamper escreveu em seu livro *Obsessão e imaginação. Adendos para prescrições da história* (Obsession und Imagination. Nachträge zu Vorschriften der Geschichte), publicado em parceria com Gerburg Treusch-Dieter, a seguinte consideração:

A imaginação se ramifica – provavelmente sob a pressão de um acontecimento da história da terra – e deixa surgir uma excrescência [Wucherung] oposta, sob o efeito/a atuação dos dutos/condutores do tronco: o imaginário, que os homens necessitam há 10 mil anos como escudo contra o real, como armadura do medo. (...) Árvore da vida, árvore do conhecimento – na raiz central elas são idênticas. No entanto, muito cedo, antes da queda, antes da retrovisão do paraíso, caiu um raio que trouxe consigo a ramificação: uma fulguração reduplicada. De um lado, a imaginação, não atingida pelo incêndio do raio, da qual os homens não podem saber nada, embora ela os alimente – do outro lado a estratégia exitosa do conhecimento, profetizada pela serpente. Eritis sicut Deus! (Serás como um Deus!) Conhecimento no cérebro e no gênero [Gehirn und Geschlecht], mancomunado [verbündet] com o imaginário desgarrado, quer dizer, com a morte. Pois esta – a morte – é o preço que tem que ser pago pelo projeto de auto-endeusamento. (Kamper; Treusch-Dieter, 1985. p.13).

A figura ou a metáfora da “ramificação” (Verzweigung), apresentada aqui, como separação entre serpente e raio, em lados opostos, merece uma atenção especial. A dualidade é seu elemento constitutivo. Mas há ramificações múltiplas, no raio, tanto quanto na árvore, como também na mão. E a ramificação da mão é da ordem do cinco, dos dedos abertos em leque. Embora o mundo digital se construa sobre a dupla codificação zero-um, o princípio das redes, ramificações múltiplas que se entrecruzam, não deve ignorar a presença dos cinco dedos como formação arbórea, como modelo possível de ramificação. Assim, ramificação é árvore, quando vem da terra, mas também é dedo e mão, o raio que se ramifica, quando vem do céu e dos deuses. Por isso o pecado de Prometeu, o roubo do fogo, significava o roubo do

V COMcult

o que custa o virtual?

raio e das ramificações que possibilitaram as capilaridades elétricas, tão caras ao mundo industrial e pós-industrial. Kamper, no entanto, faz alusão ao mito judaico-cristão, no qual a punição pelo roubo do fruto proibido (da árvore do conhecimento, oferecida pela serpente), quer dizer, pelo projeto do auto-endeusamento, é a própria vida. Os deuses pastoris e pagãos são mais brandos em seus castigos, enquanto aqueles deuses tribais, vindos da aridez dos desertos, são implacáveis. Como o projeto do Ocidente é desdobramento e ramificação do conhecimento nascido nos desertos e suas adjacências, o custo do virtual é o corpo vivo. E a maneira mais fácil de perpetuar o castigo ao corpo vivo é petrificá-lo em uma imagem. Porque uma imagem contém em si a sedação da promessa de imortalidade. A ramificação produzida pelo raio gera também o duplo da imagem-luz, desde seus primórdios de imagem-sombra, a fotografia, até seu atual desdobramento em imagem-luz, nas diferentes telas e écrans.

3. Land der Papageien, terra dos papagaios

O segundo depoimento, mais singelo, revela a dinâmica dos rastros como modo de pensar, como roteiro dos sentidos, em sua dupla significação, como sentidos do corpo e como sentidos do pensamento. A palavra alemã é ‘Spuren’ (rastros, pegadas, pistas), seu verbo é ‘spüren’ (sentir). A referência e a reflexão sobre o tema benjaminiano dos rastros está em inúmeros lugares e momentos da obra de Kamper. O sentido pela busca dos rastros das ramificações profundas e radicais, tal qual se dá no exemplo acima de referência a “uma fulguração reduplicada”, no pensamento arcaico do mito, também ocorria nas mais singelas e corriqueiras ações diárias de Kamper. A sensibilidade para as analogias, para as simultaneidades, para as sincronicidades, tornou-se poderosa ferramenta de perscrutar o insondável presente. O presente que ele mesmo diagnosticou como impossibilidade do nosso tempo, como maior dificuldade do homem contemporâneo. O presente do qual estamos continuamente fugindo. E fugir do presente significa fugir da presença e sobretudo do corpo.

Diante dessa dificuldade imensa do homem, Kamper observava sinais, objetos, circunstâncias, por meio do estranhamento de um olhar distante que permite o percurso para o aqui e agora do presente. Assim, não se trata de conhecer, já que foi a “estratégia exitosa do

V COMcult

o que custa o virtual?

conhecimento” que nos conduziu à derrocada do presente. Trata-se se sentir (spüren), percorrer as ramificações subterrâneas e as ramificações aéreas da força da imaginação, buscar os rastros (Spuren).

Assim, relata-nos Birke Mersmann, companheira de Dietmar Kamper em seus últimos anos de vida, que durante uma de suas últimas internações médicas, poucas semanas antes de sua morte, o bairro de sua clínica presenciou uma inusitada e ruidosa invasão de maritacas, pequenos papagaios. Kamper ouvia-as atentamente e, com um sorriso, disse apenas “das Land der Papageien”, a Terra dos Papagaios. Antes de se chamar a Terra do (Pau) Brasil, era essa a denominação popular das terras encontradas pelos portugueses na direção do sol poente do Hemisfério Sul.

Referências

BAITELLO, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.

WATSUJI, Tetsuro. **Antropología del paisaje**. Climas, culturas y religiones. Salamanca: Sígueme, 2006.

KAMPER, Dietmar; TREUSCH-DIETER, Gerburg. **Obsession und Imagination**. Nachträge zu Vorschriften der Geschichte. Tübingen: Konkursbuchverlag, 1985.

WARBURG, Aby. **Schlangenritual. Ein Reisebericht**. Berlin: Klaus Wagenbach, 1988.